

Jovens, mídia e globalização:

Desafios para uma sociedade democrática

Heloisa Pait

Como citar: HELOISA, PAIT. Jovens, mídia e globalização: Desafios para uma sociedade democrática. In: PELÚCIO, L.; SOUZA, L. A. F. de; MAGALHÃES, B. R. de; SABATINE, T. T. (org.). **Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p.13-31.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-279-6>. p. 13-31



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CONEXÕES

Jovens, Mídia e globalização:

Desafios para uma sociedade democrática

Heloisa Pait

Lembro aqui os jovens Pietro Roveri, colaborador da Wikipédia, e Ilya Zhitomirskiy, fundador do Diaspora, que faleceram antes de completar sua contribuição à comunicação global democrática.

INTRODUÇÃO

A grande pergunta presente ao longo deste artigo é a seguinte: o que devemos fazer para que os jovens de hoje possam realizar seu enorme potencial, possibilitado pelas transformações nos meios de comunicação e pelo estreitamento de laços entre culturas diversas? De que forma o poder associativo e desbravador dos jovens pode se tornar algo produtivo, que não agrida instituições democráticas nem se esvaia em lutas contra poderes opressivos? Quais os obstáculos que nossas sociedades encontram para que usemos plenamente esse momento de transformação?

Para isso, abordamos os desafios democráticos de três ângulos distintos: o da sociabilidade jovem, o dos meios de comunicação globais e, finalmente, o das tensões políticas geradas por transformações contemporâneas. Na primeira parte do artigo, examinamos as relações entre linguagem, sociabilidade e transformação, destacando a capacidade dos jovens de criar teias sociais que se sobrepõem às relações sociais preexistentes. Os movimentos jovens colocam para os cidadãos e instituições dilemas éticos importantes: que mudanças devem ser bem recebidas? Que práticas devem ser reprimidas? É preciso uma reflexão sobre o que está em jogo nas novas sociabilidades jovens para que possamos dar respostas coerentes e respeitadas.

Na segunda parte, resgatamos algumas reflexões dos estudos da comunicação para melhor compreender a natureza dos novos meios de comunicação, seu

potencial catalizador de idéias e práticas e seu papel na construção de novos espaços. Destacamos a importância dos jovens não apenas em usufruir esses novos espaços, mas também em sua construção. Também fazemos um breve histórico das relações entre meios de comunicação, globalização e protesto, usando exemplos icônicos como a Semana de 22 e o Maio de 68 onde uma cultura jovem global mediada já aparecia, ainda que não tão ampla como a de hoje.

Finalmente, exploramos algumas tensões originadas pelo intenso processo social descrito. Relacionamos as tentativas de controle da imprensa, no Brasil e no exterior, com um profundo desconforto com a construção de redes sociais que não passem pelos poderes constituídos, sejam poderes políticos ou simbólicos. Abrimos um parêntese para falar de casos de censura concretos, que tiveram como alvo a imagem do jovem global e autônomo - na verdade, da jovem autônoma -, revelando assim as paixões por detrás de muitos discursos contrários à mídia ou à globalização. Identificando na universidade um lugar privilegiado para estimular inovações e acolher conflitos, afirmamos que essa instituição, no Brasil, poderia fazer muito mais. Terminamos o artigo com uma breve reflexão sobre os protestos jovens globais e colocando uma pergunta para o caso brasileiro: será que o descompasso entre as possibilidades abertas aos jovens hoje e suas efetivas realizações gerará frustração ou aquele incômodo saudável que os impulsionará - e a todos nós - mais além?

CRIANDO LINGUAGENS

Brincadeira de criança

Li uma vez a tese de que as crianças é que criaram a linguagem humana, brincando. Passamos dos grunhidos à palavra por causa de umas traquinagens infantis. Não é uma idéia tão estranha, pois é senso comum que “as crianças têm facilidade com línguas” e que são mediadores naturais entre famílias imigrantes e a cultura local. Independentemente de essa ser apenas uma idéia interessante ou um fato científico, pensemos nessa imagem. Em tempos remotos, um grupo de crianças - os meninos da Rua Paulo de então - teria usado sons que seu aparelho fonador já permitia para ir dando literalmente nome aos bois. No romance de Ferenc Molnár (MOLNÁR, 2011), dois grupos de meninos húngaros vivem os dilemas morais de uma guerra que também travarão como adultos...

Mas a invenção da linguagem seria uma brincadeira, algo que dá prazer, que faz rir, que permitiria criar brincadeiras mais complexas ainda. Algo, digamos, até repreensível, pois com tanta coisa a fazer as crianças aí se divertindo com palavras. Imagino os pais as censurando, com um vocabulário talvez mais restrito, mas um braço mais pesado, esses meninos e meninas de ontem. Hoje em dia, vemos pais que captam palavras de seus filhos: a palavra *gupt* e suas variações - *guptar*, *guptante* - fazem parte do vocabulário de meu irmão, aprendido com minhas sobrinhas. Mas também vemos uma preocupação com os perigos da internet, entre os quais se incluem não só o medo da exposição excessiva, mas também o medo de novas grafias e novos ritmos de comunicação. E assim honramos, de um modo ou outro, nossos antepassados remotos, que também se encantavam ou sentavam a mão nos primeiros falantezinhos humanos.

Eu prefiro olhar essas práticas infantis com alguma deferência. O que estão tramando as crianças quando brincam no quarto, especialmente quando não fazem barulho, docinhas e comportadinhas? Que mundos nos inventam? Que linguagem criam hoje rindo e que amanhã, quando adultas, nos ensinarão? Não quero, hoje, aprender com elas ou obedecer-lhes. Nisso concordo com Arendt (1972); nossa obrigação de adultos é ensinar o mundo como ele é. Sem *guptar*. Nada de novas escolas onde se invertem os papéis. Quero ensinar a história dos antepassados e a gramática de hoje. Sei que há vários verbos em gestação nas falas infantis, mas apenas tomo nota, respeitosamente. Sem me curvar nem sentar o braço.

Vivendo em rede

Já o forte dos jovens não é essa capacidade impressionante de criar coisas novas. De ver coisas onde não vemos. De pensar de um jeito simples e brutal, próprio das crianças. O forte deles é a capacidade de associação: de se ligar a outros, de buscar além de seu círculo familiar elos que possam durar pela vida toda. Difícil depois de uma certa idade ter essa abertura tão despreocupada ao outro, essa aceitação sem julgamentos de modos de pensar distintos. Por isso uma sociedade democrática deve ter escolas, lazer, serviço militar e cívico o mais abrangentes possível. Quando construímos nossa vida adulta tendemos a nos fechar em nosso próprio meio, o que não é mau em si se tivermos tido no passado a exposição íntima ao outro e aos seus modos de ver. Ou seja, se as bolhas onde escolhemos viver como adultos forem permeáveis.

Mesmo que os jovens não tenham mais a capacidade bruta das crianças de ver e criar - claro que alguns preservam isso até a idade adulta e a velhice, mas não a maior parte de nós - essas suas teias sociais lhes permitem agir, propor formas novas de vida, moldar a sociedade. Ou seja, criam coisas novas a partir do estoque de novidades disponível catalisado por novos laços. Dão lugar, em novas relações sociais, às personalidades distintas com que emergem da infância. O modo como os jovens exploram a cidade ilustra isso: fazem percursos diferentes do usual, conectam bairros que para nós estão em universos paralelos. Encontram-se e exploram territórios, mantendo a individualidade, ao contrário de nós que buscamos sempre nos adequar a fórmulas sociais, tais como “o almoço de trabalho” ou “o passeio com a família”. Esse ensaio trata da criação destas redes e de seu papel na sociedade contemporânea global.

Nossas expectativas

Os jovens muitas vezes são vistos como ameaça. Contou-me um professor italiano, da geração do pós-guerra, que alguns de seus próprios professores nunca se recuperaram dos protestos dos anos 60 e 70, quando estudantes ocuparam os campi universitários, chocaram-se com a polícia e demandaram reformas no ensino. A concepção que esses professores tinham de si enquanto mestres, ou mesmo enquanto gente, quebrou-se diante dos questionamentos da juventude italiana da época. No Brasil a fratura entre as gerações foi mitigada pelo opressor comum, o regime militar, e a limitada autoridade docente foi menos questionada. Minha mãe tinha uma versão cômica e resignada desses descompassos. Ela dizia que sua geração passou a vida sem comer peito de frango; quando era jovem, a iguaria era para os mais velhos, e quando entrou na vida adulta, o direito passou aos jovens.

A melhor argumentação sobre a ameaça jovem que conheço é a do historiador britânico Niall Ferguson (PAIT, 2004), que vê no desequilíbrio etário no mundo muçulmano uma ameaça à estabilidade política. Muitos jovens, muito desemprego, muita energia sem vazão levaria ao radicalismo. Engraçado comparar com a análise etnográfica de Shahram Khosravi (KHOSRAVI, 2007) sobre os jovens iranianos na primeira década do século XXI. Para o antropólogo iraniano baseado na Suécia, o resultado da mesma equação é uma vida cultural ativa e marginal que expressa a insatisfação com o regime opressivo. Não vou desconsiderar completamente Ferguson, pois os exemplos históricos que evoca são muito fortes. Vou

apenas notar que essa “energia” jovem, que vem da grande capacidade e disponibilidade para a associação, é algo complexo e com efeitos difíceis de prever. Talvez os modelos matemáticos das redes, explicados por Albert-László Barabási (BARABASI, 2003; PAIT, 2002), digam algo sobre isso: por que um vírus fica encubado numa população isolada durante séculos, e em meses vira uma epidemia?

É possível monitorar e identificar pontos de inflexão do comportamento das redes, mas não prever exatamente. Essa virada, de situação letárgica a comoção, é a própria “ação”, que Hannah Arendt (ARENDETI, 2004) via como imprevisível. Aquele momento em que as pessoas que já estão juntas num espaço - ela imagina um espaço urbano, concreto - se reúnem como cidadãos, com o intuito deliberado de fazer algo umas juntas com as outras. Se há um inimigo a ser derrubado é secundário; a ação comum é o central. Arendt também fala de certo “falso público” - uma farsa que acoberta a massa isolada, amedrontada e incapaz de pensar. É um conceito difícil de definir; eu mesma só o compreendi vivenciando uma situação que só poderia ser por ele explicada.

Se um movimento político construirá regras democráticas ou dará poder a regimes autoritários é algo que talvez nem os seus participantes saibam no calor dos acontecimentos. O que nos importa aqui é notar que os jovens, exatamente por sua facilidade em criar laços, potencializam esses movimentos, para um lado ou outro, inspirando temor em uns e esperança em outros. Criam redes densas, na linguagem matemática. Ainda seguindo Arendt, se uma sociedade depende dos muito jovens para se transformar politicamente, algo vai errado, pois as transformações ou não virão ou serão destrutivas. Agora, é sempre interessante olhá-los para saber em que direção estamos indo, que comportas devem ser abertas. Uma repressão excessiva aos jovens, como às crianças, revela incapacidades nossas. É inspirador ver um octogenário como o presidente Fernando Henrique tentando criar regras possíveis para o uso das drogas. Tentando, como propõe Dewey (1979), dirigir a ação e dar-lhe sentido humano.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Só um telefone

“Jovem”, claro, é um conceito histórico. Ulisses chegou velho e irreconhecível, aos 40 anos, de volta a Ítaca (HOMERO, 2010). Hoje, quando falamos de jovens temos

em mente pessoas entre 16 e 24 anos, apenas para delimitar um grupo, mas antes da penicilina essa fase não era mais de preparação, formação e tomadas de decisão: era a própria vida. Sustentar que os “jovens” do passado foram responsáveis pelas grandes mudanças sociais não faz sentido se até pouco tempo quase todo mundo era jovem em termos etários. Fiquemos apenas com o conceito, então: os jovens têm uma “flexibilidade social” que lhes permite criar teias de relacionamento melhor do que os adultos e, portanto, “agir” mais, no sentido arendtiano.

De qualquer forma, os meios de comunicação potencializam essa atuação jovem, uma vez que ela é eminentemente relação social, poder de associação. É freqüente, embora cada vez menos, que se fale dos meios de comunicação como um bloco: “a mídia”. E, ainda, um bloco com vontades autônomas: “a mídia quer...”, “a mídia faz...” A mídia aparece como atriz de um processo social (ADORNO; HORKHEIMER, 1986), quando ela é apenas... um telefone (WILLIAMS, 2003). Um meio de comunicação que estica nossas próprias capacidades comunicativas, possibilitadas por nosso aparelho fonador, nossas expressões faciais e nossos gestos. Um cantor lírico ou uma bailarina clássica usam ao máximo essas capacidades, mas ir além delas exige um amplificador, um instrumento musical. Alguma tecnologia que leve uma certa expressão humana até onde ela não poderia com os recursos dos nossos corpos. Tinta e papel. O alfabeto (GUMBRECHT; PFEIFFER, 1994). A estrutura do correio inca ou londrino.

Como explicou McLuhan (1996), cada meio gera uma comunicação distinta, uma forma nova de pensarmos e de estarmos em contato uns com os outros. Mas aqui ressaltar não tanto a forma da comunicação, mas o fato puro de estarmos em contato (PAIT, 2007), a distribuição espacial ou temporal que o meio sugere. Pense na antiga vitrola, que agora é retomada como vintage. Ela é um objeto da casa, grande, um móvel central. Isso por algumas décadas; ela logo se reduz, barateia, e vai para o quarto dos jovens, nos Estados Unidos em primeiro lugar. O papel que essa migração teve no movimento jovem dos anos 60 já foi estudado por autores que, como Carey (1992), se preocupam com a relação entre meios de comunicação, cultura e espaço. O espaço privado dos jovens se conecta a outros espaços privados de outros jovens, nacionalmente mas também ao redor do mundo: os mesmos discos, sons, aparelhos, sensações, rituais. Um chefe que tive no Unibanco me contou o que foram para ele os tais discos: “A primeira vez que eu peguei o Álbum Branco na mão...” Eu: “Que álbum branco?” Ele, indignado: “O Álbum Branco dos Beatles! Você não conhece?!? Ah, não sei descrever...” Ele ter pego na mão aquele disco, assim, com artigo definido, era como pegar na mão de todos os outros jo-

vens do planeta, deste lado e do outro da Cortina de Ferro. Um primo americano que viveu intensamente aqueles anos me contou que as pessoas se conheciam, iam para a casa de um ou de outro, botavam um disco na vitrola, fumavam e a comunicação era essa. Ouviam música juntos.

Claro que as explicações dos protestos de 1968 são muitas. Razões sociais - afluência, baby boom, oportunidades de estudo -, políticas - ditaduras de várias inclinações, guerras, opressões culturais -, e outras ainda. Mas sem uma cultura comum os jovens não teriam se articulado, encontrado um discurso comum, e ido às ruas. Sem esse espaço de encontro - dos shows, da universidade - mas também da música, das vitrolas nos quartos, eles nem saberiam que passavam pelas mesmas experiências. A vitrola é um “lugar” de encontro e é dela que vem a autorização para brigar com os pais, com os professores, até com o exército. Eu me pergunto se não estou usando hipérboles, mas é fato que jovens brasileiros, americanos, tchecos, lutaram contra seus exércitos. Não se trata apenas de meios para marcar passeatas; é o sentimento de estar junto que importa. É desta perspectiva que vejo os meios de comunicação, com muito carinho. Eles evocam comunhão ou comunidade, conceitos tratados por Nancy (1991) e Blanchot (1988). Mas resgato principalmente a idéia que Arendt tem de linguagem para falar de nossa comunicação moderna: uma mesa ao redor da qual nos reunimos, mas que também nos separa, resguardando nossas humanas diferenças;. Nunca estaremos em total comunhão.

Valores da internet

Os jovens não estão simplesmente respirando o oxigênio dos meios de comunicação. Eles estão produzindo isso. Ao final do século XIX, os magnatas eram pessoas “adultas”; não sei qual a idade que tinham, mas se deixavam fotografar como patriarcas, pessoas sólidas. Quando eu era estudante, nos anos 80, vinham dar palestra no Brasil, lançavam livro, gerentes de grandes empresas, Lee Iacocca, da Chrysler. Em termos literários, eram os “homens do terno cinza”, do romance americano dos anos 50 (WILSON, 2005). Homens que tinham liderança e algum espírito inquieto, mas cuja fama se devia a terem passado a vida dentro de burocracias que compreendiam. Ou seja, podem ter tido origens variadas, mas projetam-se como pessoas experientes, conhecedoras de seu clã corporativo. Eu olhava para as fotos de Lee Iacocca e me perguntava: por que esse cara está na capa de um livro? O que ele fez? Agora, olho livros com Steve Jobs na capa e compreendo exatamente o que o fundador da Apple fez.

Hoje o presidente dos Estados Unidos bajula um garoto desajeitado que criou um site de relacionamento (BBC, 2011). Site de relacionamento: um modo enviar “torpedos” como os bilhetes que as pessoas mandam em festas, provavelmente uma gíria dos anos 50. Mark Zuckerberg criou um destes sites, se tornando um dos homens mais ricos do mundo. Ilya Zhitomirskiy, o jovem russo-americano que homenageamos no início do artigo, criou, junto com colegas da New York University, um site de relacionamento que promete respeitar a privacidade dos membros, num projeto carregado de idealismo. Steve Jobs continuou revolucionando a comunicação depois de adulto, mas teve grandes sacadas no começo da vida que, propaganda à parte, mudaram o modo como a gente se comunica. Claro que não são apenas jovens e idealistas que se lançam em projetos tecnológicos: Bloomberg, um businessman americano mais tradicional, inventou algo muito simples - transmissão de dados financeiros em tempo real - e também se tornou um dos homens mais ricos dos Estados Unidos. Mas ele acredita tanto nos novos Jobs e Zhitomirskiys que apostou na fundação de uma universidade novaiorquina voltada para inovações tecnológicas (MAYOR’S OFFICE, 2011). A internet em si, que possibilita o Facebook, o ensino à distância e outras coisas mais que mencionamos aqui, não começa de um jeito nem banal nem jovem. Mas ela se abre para usos impressionantemente jovens.

Em suma, os jovens não apenas navegam na onda da internet e da tecnologia. Eles a fazem, a concebem. Um projeto como a enciclopédia colaborativa Wikipedia, por exemplo, atrai os jovens, sejam leitores, editores ou administradores. Os jovens não apenas jogam os games na internet, mas também os desenham e produzem, como explica o livro *Youthscapes* (MAIRA; SOEP, 2005), que trata dessa presença jovem no mundo contemporâneo de modo muito interessante. A internet é o meio ideal se você quer, dito resumidamente, criar seu mundo com poucos recursos, que é o desejo jovem por excelência. Ter seus seguidores, publicar seus valores. Conceitualmente, não vejo tanta diferença com relação à vitrola no quarto. Mas na internet cabe tudo, não só música. E cabem formas de associação as mais variadas, e também variantes, pois a cada ano estamos migrando de uma plataforma para outra. Quando a internet sai da esfera militar e acadêmica e se abre comercialmente ela torna possível que essas ideias inovadoras nela se expressem, criando um círculo virtuoso. Em outras palavras, o carro está para o homem assim como a internet está para o jovem. O carro encarna valores tradicionalmente masculinos como potência e autonomia; a internet encarna valores jovens como a sociabilidade e a mudança.

Culturas globais

Essa expansão da sociabilidade, bandeira dos jovens, se coloca também no nível global. Claro que o desenvolvimento global dos meios de comunicação não vem de ontem. Na Idade Média e mesmo antes o Mediterrâneo já formava uma grande “banda larga” por onde passavam textos, traduções, matemáticas, filosofias, leis e comentários, protegidos e encorajados pela ordem muçulmana vigente. Mas é inegável que no século XX a velocidade das mudanças nas comunicações aumentou. Pensemos nos nossos jovens, que fizeram a Semana de Arte Moderna de 1922. Não era a internet ainda, nem as vitrolas, mas esses jovens cresceram numa época de mudanças estonteantes, como explica o historiador Nicolau Sevcenko (SEVCENKO, 1992). As conquistas do século anterior, como o telégrafo, telefone, fotografia, além da ferrovia e do navio a vapor, no transporte, já haviam se consolidado, e já despontavam os novos avanços, como o cinema e o rádio.

É nesse contexto que os jovens Tarcila, Oswald, Anita e outros vão à Europa “trazer” novidades. Coloco aspas pois Oswald põe na mala uma ideia especial: a antropofagia, esse olhar particular que devora tanto o que é de dentro quanto o que é de fora. Sem entrar nos detalhes do modernismo brasileiro, só noto a abertura daqueles jovens para novas formas de expressão e de sociabilidade que circulavam pelo globo no momento - provavelmente já podemos falar de uma sociabilidade global nessas primeiras décadas do século. Ela está restrita a um grupo reduzido de jovens artistas e intelectuais urbanos, mas que já constrói valores e ideais comuns, entre os quais uma visão igualitária das relações de gênero e uma moral sexual tolerante. Circulavam globalmente, tinham conhecidos comuns como Blaise Cendrars, ainda segundo Sevcenko, mas talvez houvesse outros globetrotters culturais menos famosos. Ideias comuns passavam de manifesto em manifesto, em todas as línguas. A ironia e a experimentação formal apareciam em novas revistas de cidades provincianas da América Latina ou multiculturais da Ásia Central (SLAVS AND TARTARS, 2011). Claro que o centro de tudo ainda era a Europa: lá todos se conheciam, se visitavam, se apaixonavam e se intrigavam, como aparece poeticamente num filme recente de Woody Allen (ALLEN, 2011).

Os anos 30, como sabemos, com seus ideais nacionalistas, políticas econômicas fechadas e meios de comunicação a serviço do Estado interrompem essa festa global, que só vai se repetir dali a 40 anos. Nos anos 60, nossos jovens retomam a herança antropofágica. O rock global, a guitarra elétrica e a vitrola ultrapassam fronteiras. Mas o papel dos meios de comunicação vai além da cultura. Na televisão,

as imagens jornalísticas da Guerra do Vietnã ou dos confrontos com a polícia nos quatro cantos do mundo legitimam embates locais. Não precisa haver uma ordem explícita, um comando; a própria imagem, até condenada pelo âncora careta, de um protesto estudantil num lugar diz aos jovens de outro: “Não é só você. Olha lá, sua luta é legítima. Não é contra um regime, é contra um sistema.” Martin Plot (PLOT, 2003) estuda a relação entre a tela e as ruas, a partir de eventos recentes da história argentina: uma manifestação que aparece na televisão chama os participantes para ela, dando-lhe peso. O protesto não ocorre “na” TV ou “nas” ruas, mas nesse espaço urbano complexo, reconstruído pelos meios de comunicação (McQUIRE, 2008).

Note que já tínhamos uma cultura amplamente mediada quando aparece a internet; as pessoas já sabiam o que era aprender com os outros à distância e vivenciar experiências remotas (CARPIGNANO, 1999). A internet permite que se transponham essas experiências todas, antes mais imaginadas que explícitas, para a tela. Sites de relacionamento, buscas de artigos acadêmicos, compartilhamento de música e imagens e colaborações não-remuneradas tais como enciclopédias e aprendizado de línguas: a lista é infundável. E, da tela, para a vida, pois assim como com a TV, a internet também transborda para os espaços reais. Um estudo recente mostrou que as pessoas com vida social online cheia tendem a ter muitos amigos reais...

Os jovens às vezes usam esses meios para se comunicar com pessoas próximas, às vezes para romper barreiras geográficas. E em outros momentos ainda para as duas coisas, sem nem se preocupar com as distâncias reais. Talvez seja até melhor inverter a metáfora anterior: hoje é que estamos todos compartilhando o mesmo Mediterrâneo. O discurso das mulheres sauditas que lutam pelo direito de dirigir é muito parecido com o das mulheres ocidentais. Os indígenas brasileiros usam a internet para encontrar parceiros de modo semelhante a um novaiorquino. No CouchSurfing, site onde pessoas do mundo todo encontram anfitriões em suas viagens, vi jovens dispostos a emprestar seu sofá na cidade palestina de Ramallah e no assentamento de Ariel - suas razões para essa hospitalidade eram bem parecidas! Como os jovens de 1922, ou de 1968, também os jovens hoje têm valores comuns, expressos em formas culturais e modos de vida próprios. Já a escala deste fenômeno é distinta. Hoje esses jovens conectados estão espalhados pelo globo, indo do Extremo Oriente à Patagônia, e não formam mais uma minoria.

Como lá atrás, sempre haverá as vozes que dizem não. Não aos meios de comunicação, não à globalização, não à comunicação com o outro. Para Simmel (1983), um fenômeno social é sempre resultado da tensão entre pólos opostos. Se

“jovem” é aquele que quer abrir leques, ir além do seu grupo original, isso necessariamente se contrapõe ao grupo original. “Como é que eu vou crescer sem ter com que me rebelar?”, a gente cantava nos anos 80, quando não estava claro quem era o nosso adversário. Se ele não está mais em casa, então nós buscamos o adversário em outro lugar... O grupo original vai reagir a essa nova conformação social de modo mais inteligente ou menos, mas alguma reação vai haver. E é desta reação que tratamos a seguir.

AÇÕES E REAÇÕES

Mulheres globais

Lei Azeredo. SOPA americana. Muralha da China. São várias as tentativas de frear essa nova sociabilidade (WEBINSIDER, 2011; WEISMAN, 2012; WIKIPEDIA, 2011). No Brasil, os projetos são variados e modestos. Um estado cria uma comissão de vigilância, o governo federal tenta emplacar outra, um deputado apresenta uma lei, depois recua um tanto e assim caminhamos. Um jogo de futebol com passes curtos e muitas interceptações do time da democracia, incrivelmente afinado. Não há preconceito de idade: às vezes chutam a gol figuras antigas como Hélio Bicudo, mas o grosso do time é de jovens. Não é apenas a Lei da Ficha Limpa em si mesma que amedronta; é o fato de que se “eles” podem colocar na agenda algo assim, então podem qualquer coisa! Por um lado, as iniciativas anti-democráticas pipocam, pois não temos no Brasil uma forte tradição liberal e um consenso claro de que a liberdade de expressão é um bem superior, sendo que a censura tem uma história heróica (REIMÃO; ANDRADE, 2007). Por outro lado, tais iniciativas são afastadas por um debate público ferrenho e criativo do qual só podemos nos orgulhar.

No caso da China, o Estado segue incólume à sua estratégia de abertura econômica sem abertura política, usando a censura à internet de modo amplo, impedindo de fato o acesso cotidiano à informação, através de um programa estatal específico, apelidado de Chinese Firewall, em referência à muralha chinesa e aos programas de proteção digital. O caso dos projetos de lei americanos de restrição à internet, SOPA e PIPA, também preocupa, pois chegaram ao Congresso mesmo num país com uma forte cultura de proteção à liberdade de expressão. Claro que algumas novas práticas devem ser regulamentadas, mas a maior parte dessas iniciativas bate de frente no nosso desejo de troca de experiências, transparência de informações

públicas e questionamento de hierarquias. Contou-me um advogado que trabalha para empresas de venda direta que países árabes e a China fazem de tudo para restringir a entrada destas empresas em seus países. Medo da coleção verão de batons da Avon? Medo de mulheres com renda própria, num caso, e de uma livre rede de informações, no outro. São as novas redes que preocupam, virtuais ou reais.

Mas não são apenas modos novos de se comunicar que assustam. Muitas vezes, é no combate direto a imagens e narrativas que a força repressiva revela seu caráter e seus ódios. Por isso, vou abrir nesse artigo um pequeno e ilustrativo parêntese, para falar de dois casos onde o alvo da censura ganhou corpo, e corpo de mulher ainda por cima. Os casos, acredito, revelam algo que a argumentação legal dos projetos de lei pode deixar em segundo plano: os desejos humanos que os inspiram. O que estava em questão nos dois casos? Os produtos, cerveja e calcinha, são não apenas legais, mas são produtos de massa, presentes do cotidiano de todos os brasileiros. Além disso, não havia nada agressivo ou indecente nos anúncios; ao contrário, eram bem-humorados e recatados para o padrão nacional.

Nos dois casos, o Conar agiu quando foi acionado por um órgão federal, a Secretaria Especial dos Direitos da Mulher. Ou seja, ao invés de fazer auto-regulação ele agiu como correia de transmissão do Estado. E justificou a censura alegando desrespeito à mulher e incentivo ao consumo de álcool. Na verdade, ao contrário de outros anúncios, o anúncio da cerveja não mostrava um monte de jovens felizes se empanturrando de álcool, então podemos colocar esse argumento de lado. E quanto à mulher? Quando vi o anúncio com Paris Hilton na TV pensei: “Puxa, pela primeira vez esses anúncios de bebida mostram uma mulher com as rédeas na mão!” Confesso que tenho uma certa simpatia pela superficialidade ingênuas de Hilton. Que fazer? Eu gosto dela. Mas veja o anúncio novamente, que está na internet. Aquele meio sorriso escolhe; não é escolhido. Recebe a admiração de homens e mulheres, como uma pessoa de prestígio, e nos surpreende, até com uma certa ironia: “Olha só quem está aqui...” Tem prazer e nos diverte também. Gente, é a Paris Hilton! Ela nunca apareceria de samambaia! E isso é precisamente o que deve ser censurado: uma mulher segura de si, que não deve nada a ninguém, dona de seu corpo e seus negócios. Global, recebida de portas abertas em todo o mundo. Herdeira dos Hotéis Hilton.

O caso Gisele Bündchen é quase idêntico. Como foi apontado durante a polêmica, a Gisele aparecendo como esposa submissa é uma grande ironia, uma sacada dos publicitários. Os homens perdem a fala - não pedem satisfações - diante dela. Para a censura, a mulher deve aparecer como uma coitada, incógnita e mendican-

te, tendo ao lado o Estado como seu salvador capenga; como nos contos de fadas, apenas sem poesia. A mulher ideal é a mulher-objeto de políticas públicas. Já a que ri dos antigos estereótipos, cosmopolita e confiante, essa é mandada embora da TV e vai de castigo para a internet. Note que isso só é engraçado por não ser absoluto; a censura e a exclusão mesmo são feias, humilhantes, dolorosas. Anita Malfatti, Chiquinha Gonzaga e Dercy Gonçalves, agora celebradas, passaram maus bocados por representarem, em suas épocas, desejos de autonomia semelhantes às de nossas mulheres globais. Malfatti, por exemplo, foi execrada por ter tido acesso a ideias que os homens cultos de sua cidade não tiveram. A diferença é que agora a censora pertence a um órgão de Estado que se apóia na linguagem politicamente correta, enganando os que querem ser enganados.

Não trago esses exemplos para questionar essas proibições e legitimar outras; mesmo imagens que de fato não gostamos devem ser toleradas, a não ser que incitem crimes, como manda a lei. Gisele e Paris aparecem nesse texto para revelar os verdadeiros alvos da censura: jovens autônomas, com passaportes bem carimbados, que respeitam as leis e talvez até tenham seus projetos sociais, mas de qualquer modo não dependem nem são subservientes ao Estado. As meninas brasileiras buscam esse respeito, essa autonomia das modelos bem sucedidas - elas não querem largar os estudos e passar fome em passarela à toa. Mas é exatamente esse desejo muito legítimo de reposicionamento dos jovens em círculos sociais distintos tentam reprimir. Não estou defendendo a carreira de modelo: se a escola possibilitasse essa autonomia, esse passaporte para um mundo maior, não haveria tanta gente agüentando a chatice das passarelas. E, a partir desse gancho, passamos a falar da escola, de seu potencial e de sua responsabilidade em lançar com segurança os jovens nesse mundo velho sem fronteiras.

Sonhos universitários

O que é a sala de aula? É um lugar de encontro de gerações, acima de tudo. Independente do que ensinamos, de que “grau” estão nossos alunos, na sala de aula somos em geral mais velhos e acima de tudo estamos representando um conhecimento humano acumulado. E isso independe do método de ensino mais tradicional ou libertário que empregamos; em qualquer caso, passamos adiante uma tradição, uma forma de pensar que se construiu ao longo dos séculos. Continuo aqui seguindo as reflexões de Arendt sobre política e educação. Nesta sala de aula

dizemos aos alunos: “Toma. O mundo é esse.” Aí continuamos com as disciplinas específica: “Isso é o que sabemos sobre o planeta e sobre os homens e mulheres que já viveram aqui. Faça bom proveito, pois em breve ele será seu.”

O bom professor não é nem um visionário nem um reacionário; é um sujeito que se encanta com o estado atual do conhecimento, que ainda busca reforço nos textos de ontem e se anima em pensar no que ainda pode ser descoberto. O bom professor está fincado no presente, e olha para os alunos com aquela respeitosa curiosidade que mencionei lá atrás: que mundos esses jovens estão a criar? A sala de aula deve conter aquela sociabilidade jovem, pulsante, que descrevi antes. Conter nos dois sentidos: no sentido hospitaleiro de receber e também no sentido de dar alguma forma, alguma direção, como diz Dewey. Os jovens vão se organizar e vão criar coisas novas; isso é fato. E não seria genial se fizessem isso a partir do conhecimento humano gestado em séculos e transmitido por gente que o ama? A questão que se coloca é: a universidade hoje faz isso, no Brasil? Faz pouco.

As razões são óbvias, não vou me deter nelas: currículos engessados, teoria desconectada da realidade, instituições burocráticas e fechadas às oportunidades globais. Claro que há iniciativas pontuais interessantes e algumas bem sucedidas, mas não chegam a dar o tom da universidade brasileira. A expansão recente do ensino superior público, que poderia ter gerado uma mudança qualitativa, apenas fez o que o setor privado faria: mais do mesmo. Os alunos chegam às aulas, entretanto, cada vez mais pragmáticos, interessados, abertos a novas ideias; são produto das transformações recentes na sociedade brasileira. No geral, a não ser por um intenso esforço próprio, não encontram no ambiente universitário um catalisador de novas idéias, sociabilidades, processos.

Aliás, ocorre o contrário: os jovens são muitas vezes desestimulados à ação. Em entrevistas que fiz com jovens sobre o uso de meios de comunicação, notei que os alunos das concorridas universidades públicas tinham adquirido, ao longo do curso, suspeita sobre sua própria ação pública (PAIT, 2012). A defesa do meio ambiente, lhes foi ensinado, é apenas um modo de imposição de uma cultura imperialista. O ensino à distância deve ser combatido. O Twitter é apenas um modo de reprodução de ideias. Minhas observações não são incompatíveis com o que vejo em aula: muitos alunos relatam que suas motivações para entrar na faculdade são vistas como ingênuas quando chegam lá. “Procuo não falar dos meus objetivos para não ser questionada”, me disse uma aluna recentemente.

Os alunos de escolas técnicas com quem falei, ao contrário, eram otimistas quanto à sua própria atuação no mundo global, entusiasmados com os novos mo-

dos de conhecer o que de novo se faz fora do país, em sua área, e também de mostrar suas produções nessa nova arena. Tive a impressão de que nas escolas técnicas a cultura que vê a globalização e os meios de comunicação como ameaças e não oportunidades não tem a força que tem na universidade, o que possibilita uma ação mais livre e aberta. Mas será o suficiente? A universidade é um local privilegiado de formação de uma cultura cívica em qualquer sociedade. Quais são então as opções dos alunos de graduação que encontram um ambiente intelectual abafado? Desanimar; projetar os sonhos em objetivos de consumo; aceitar e reproduzir o discurso reacionário; mergulhar no aspecto técnico da profissão; e atuar fora do âmbito universitário. Não há nada de errado com as duas últimas alternativas, apenas que infelizmente elas não usam o potencial da universidade. Nós professores, em larga medida responsáveis por essa situação, somos prejudicados, pois perdemos a chance de orientar essas novas gerações, de “dar palpite” em seus novos projetos. Ficamos como a censora, mandando a Gisele botar roupa: ela vai para a internet e nós ficamos falando sozinhos.

Quando menos se espera...

Estamos vivendo um novo 68: sociologicamente, esse é o melhor modo de pensar sobre o momento presente. Nem todos os jovens de hoje se vestem de acordo com o figurino da minissérie da Globo, o que angustia os comentaristas, mas em 1968 os jovens eram vistos como sujeitos, baderneiros e perigosos. É realmente deplorável que hoje invadam as reitorias de nossas universidades, mas o que havia de tão digno em seqüestrar o cônsul de país amigo em plena Praça Buenos Aires? Cada país tem sua realidade própria, mas é possível identificar hoje, como em 1968, um traço comum: um descompasso entre as possibilidades abertas aos jovens e o que efetivamente conseguem alcançar. No Brasil, nos anos 60, uma palavra ilustrava bem esse descompasso: os “excedentes”, jovens que passavam nas provas de admissão para a universidade, para os quais não havia vaga. Além desse descompasso, tanto ontem como hoje, temos um aceleração no ritmo pelo qual compartilhamos nossos anseios e frustrações, em escala global.

As revoltas no mundo árabe pegaram quase todos de surpresa; alguns poucos comentaristas tinham visto a panela de pressão no fogo. Olhando em retrospecto, não é difícil ver que os jovens árabes tinham horizontes largos, possibilitados por uma certa melhora econômica e por desenvolvimentos já consolidados nos

meios de comunicação, como os canais de TV a cabo e a internet. Entretanto, as conquistas efetivas, especialmente no plano da realização pessoal, continuavam remotas. Como disse, cada país tem seu contexto. Nos países árabes, os regimes não conseguiram acomodar democraticamente as reivindicações, e caíram ou as enfrentaram com a força. Já em Paris ou Londres, os protestos dos jovens das periferias, em 2005 e 2011 respectivamente, foram reprimidos apenas com o poder de polícia; o regime não é questionado. Os casos dos Estados Unidos e de Israel são interessantes: o governo e o establishment adotaram com paternalismo os manifestantes, e depois gentilmente decidiram que “a festa acabou”, sem nenhuma resposta palpável. Seria importante entender melhor o caso chileno, mais próximo de nós e portanto com maior chance de se reproduzir aqui. Os estudantes chilenos, de segundo grau e universitários, realizaram em 2011 protestos de rua e ocupações, como já haviam feito em 2006. Como os jovens chilenos mantêm tamanho grau de ativismo? Por que razões suas reivindicações não são atendidas ou o diálogo estabelecido? A relação entre os jovens e o poder estabelecido lá parece girar em falso, sem choque, cooptação ou conversa produtiva...

Algumas demandas jovens são bem concretas: o fim do autoritarismo no mundo árabe, a questão da moradia em Israel, os investimentos na educação no Chile, a crítica aos valores de Wall Street nos EUA. Mas muitas vezes também aparecem um pouco vagas, sem partido, fluidas, indeterminadas. Jovens, ora. Como disse uma israelense durante os protestos do verão de 2011, a função dos governantes é consertar as coisas; ela está lá para expressar a insatisfação. Mas essa fluidez me preocupa. Será que nossa sociedade adulta está preparada para dar uma vazão construtiva à insatisfação jovem? Em especial, será que a universidade cumpre seu papel, de ser um laboratório seguro de experimentação para novas ideias?

E como vão os jovens brasileiros? Nesse aspecto, o bordão do presidente Lula é muito verdadeiro, sendo obra dele ou não: nunca antes nesse país os jovens tiveram tantas chances na vida (BOX1824, 2011). A economia vai muito bem: há algumas incertezas no médio prazo, mas no curto prazo há uma oferta de emprego maior que a demanda em muitos setores. A redução da taxa de natalidade no período recente traz equilíbrio demográfico e menos pressão em vários serviços públicos. Podemos ser críticos às políticas para a educação, mas o aumento de vagas nas universidades públicas é impressionante. As mulheres e os gays ainda enfrentam desafios, mas a liberdade que os jovens têm hoje para definir sua vida pessoal não tem precedentes no Brasil e nem na maior parte do globo.

A questão não é, entretanto, apenas estar bem; hoje os horizontes do jovem

brasileiro são muito amplos. A ideia de que ele possa ser o próximo Jobs ou Zuckerberg certamente lhe passa na cabeça. Ou que um filho seu seja - a classe média baixa tem investido muito na educação dos filhos. Deste descompasso, até positivo, alguns protestos jovens aparecem aqui e ali no Brasil como o Slut Walk (a Marcha das Vadias), e outros que combinam ativismo na internet e presença nas ruas. É de entusiasmar ver jovens não só protestando, mas articulando projetos transformadores, tais como os da Open Knowledge Foundation Brasil, que incorporam o melhor das oportunidades globais. Entretanto, no meio acadêmico stricto sensu, vejo condescendência em relação ao conjunto de manifestações e ações jovens no Brasil.

Que caminho vão tomar essas ações? Não vejo os jovens se ressentindo muito da falta de apoio de estruturas mais formais. Se o ensino ainda apresenta todos os problemas que Feynman (2006) já viu há 60 anos, parece que isso não chega a lhes impedir de agir. Mas posso estar errada; pode ser que haja frustração se acumulando. Talvez uma pequena freada na economia os coloque em situações difíceis; talvez o avanço tecnológico deixe muitos jovens sem boa formação secundária de fora do ganho material nacional. Também é possível que nós tenhamos um retrocesso político na forma de um retorno ao capitalismo tutelado que infelizmente é parte de nossa tradição. Pode ser que simplesmente, por falta de visão nossa, o potencial destes jovens não se realize plenamente, impedindo o país como um todo de ocupar seu lugar na arena mundial, seja no plano político, cultural ou tecnológico. Mas não custa imaginar que os jovens consigam nos fazer ver, de modo criativo e a partir de sua própria perspectiva, que caminho devemos tomar, para termos uma sociedade justa, culta e divertida.

Referências

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento (iluminismo)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- ALLEN, W. *Midnight in Paris*. Espanha: EUA: [s.n.], 2011.
- ARENDT, H. A crise na educação. In: _____. (Ed.). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972. p. 221-247 .
- _____. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense, 2004.
- BARABASI, A.-L. *Linked: how everything is connected to everything else and what it means*. New York: Plume, 2003.

- BBC. Barack Obama and Mark Zuckerberg's Facebook 'face time'. *BBC Mobile, News US & Canada*, 2011. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/world-us-canada-13151889>>. Acesso em: 2011.
- BLANCHOT, M. *The unavowable community*. New York: Station Hill Press, 1988.
- BOX1824. *Sonho brasileiro: um estudo sobre o Brasil e o futuro a partir da perspectiva do jovem de 18 a 24 anos*. 2011. Disponível em: <<http://osonhobrasileiro.com.br>>. Acesso em: 2011.
- CAREY, J. W. *Communication as culture: essays on media and society (media and popular culture 1)*. London: Routledge, 1992.
- CARPIGNANO, P. The shape of the sphere: the public sphere and the materiality of communication. *Constellations*, Oxford, v. 6, n. 2, p. 177-189, 1999.
- DEWEY, J. *Democracia e educação*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- FEYNMAN, R. *O senhor está brincando, Sr. Feynman?: as estranhas aventuras de um físico excêntrico*. Rio de Janeiro: Campus, 2006.
- GUMBRECHT, H. U.; PFEIFFER, K. L. (Ed.). *Materialities of communication*. Stanford: Stanford University Press, 1994.
- HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Cultrix, 2010.
- KHOSRAVI, S. *Young and defiant in Tehran (contemporary ethnography)*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2007.
- MAIRA, S.; SOEP, E. (Ed.). *Youthscapes: the popular, the national and the global*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.
- MAYOR'S OFFICE, N. Y. C. *Historic partnership to build a new applied sciences campus on Roosevelt Island*. News from the Blue Room, PR- 444-11, 2011.
- McLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- McQUIRE, D. S. *The media city: media, architecture and urban space*. [S.l.]: Sage Publications, 2008.
- MOLNÁR, F. *Os meninos da Rua Paulo*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- NANCY, J.-L. *Inoperative community (theory and history of literature)*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991.
- PAIT, H. Caindo na rede: uma resenha de Linked, de Barabási. *GV-Executivo*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 1-2, 2002.
- _____. Americanos tentam entender seu império. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 11 abr. 2004. Mundo, p. A22.
- _____. O silêncio da televisão: desafios e esperanças da comunicação mediada. *Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia*, Porto Alegre, v. 1, n. 34, p. 45-49, 2007.
- _____. *The young in São Paulo: media use and public participation*. 2012. Unpublished.

- PLOT, M. *El kitsch político*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2003.
- REIMÃO, S.; ANDRADE, A. D. Meio século de censura no cinema e na televisão brasileira: 1950 a 2000. In: _____. (Ed.). *Síndrome da mordação: mídia e censura no Brasil*. São Bernardo do Campo: Brochura, 2007. p. 85-99.
- SEVCENKO, N. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SIMMEL, G. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- SLAVS AND TARTARS, S. A. *Slavs and tatars presents mollanasreddin: the magazine that would've could've and should've*. Zürich: JRP-Ringier, 2011.
- WEBINSIDER. *Projeto de lei põe usuários e criminosos lado a lado*. 09 ago. 2011. Disponível em: <<http://webinsider.uol.com.br/2011/08/09/projeto-de-lei-poe-usuarios-e-criminosos-lado-a-lado>>. Acesso em: 2011.
- WEISMAN, J. In fight over piracy bills, new economy rises against old. *New York Times*, New York, 19 jan. 2012.
- WIKIPEDIA Great Firewall of China. Disponível em: <<http://www.wikipedia.org>>. Acesso em: 2011.
- WILLIAMS, R. *Television: technology and cultural form*. London: Routledge, 2003.
- WILSON, S. *Homem do terno de flanela cinza*. São Paulo: Girafa, 2005.